

P O V O Negro



O IMAGINÁRIO CONSTRUÍDO

Por três noites não consecutivas no primeiro semestre de 1992, estivemos no n° 42 da rua Rui Barbosa, bairro do Bexiga (hoje oficialmente denominado Bela Vista), centro de São Paulo. Naquele endereço, desde outubro de 1991, funciona o Sambarylove. Para o observador de fora (e poderíamos acrescentar, por fora) o local é um empreendimento comercial qualquer, na área da indústria do entretenimento.

No presente estudo, porém, o Sambarylove foi eleito à categoria de casa de cultura. Não deve ser por

FERNANDO CONCEIÇÃO

Conhecendo o público do Sambarylove



NA OUTRA PÁGINA,
ACIMA, "SÃO
JORGE, BANDEIRA
DE VODUN", TECIDO
BORDADO, HAITI,
SÉC. XX; ABAIXO,
ESTATUETA
IORUBÁ; ABAIXO,
NESTA PÁGINA,
"IEMANJÁ,
BANDEIRA DE
VODUN", TECIDO
BORDADO, HAITI,
TAMBÉM DESTE
SÉCULO

**FERNANDO
CONCEIÇÃO** é
jornalista e
coordenador do
Núcleo de
Consciência Negra e
do Movimento pelas
Reparações dos
Descendentes de
Africanos
Escravizados (MPR).
É autor de *Negritude
Favelada* (Ed. do
Autor) e *Cala a Boca
Calabar* (Vozes).

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo realizada para obtenção de créditos no curso de pós-graduação da ECA, em 1992. O objeto de trabalho é o público de uma casa de diversões no centro de São Paulo. Deve-se levar em consideração que, pela dinâmica do comércio de lazer e mudanças na estrutura econômica no país, é bem possível que parte das descrições aqui realizadas carece de atualização. Pelo menos no que se refere ao espaço pesquisado. Entretanto, acredito que o trabalho pode servir como mostra de um exercício acadêmico desenvolvido com paixão, na perspectiva de valorização da identidade étnica de um grupo historicamente marginalizado no Brasil.

acaso que ao propor este tema junto ao curso (“O Público da Cultura”, ministrado pelo professor José Teixeira Coelho Neto), nenhum colega tenha se interessado pelo assunto. A proposta de trabalho expressa para as quatro dezenas de pesquisadores era a realização de uma pesquisa de perfil de público das instituições culturais. Para a totalidade dos acadêmicos, sinônimos dessas instituições eram museus como o Masp, cineclubes como a Cinemateca, escolas de música erudita.

Enquanto todos se acomodaram em trios, quartetos e quintetos para a realização de suas tarefas junto àquelas instituições, vimo-nos na contingência de ou não levarmos adiante o nosso projeto, juntando-me a uma das equipes, ou nos isolarmos e cumprimos sozinhos um trabalho originariamente pensado como de grupo. Apesar de sugestões argumentadas para que desistisse, preferi a segunda opção.

Essas informações sobre acidentes de percursos iniciais à pesquisa se fazem necessárias porque, a nosso ver, demonstram a falsa consciência da produção universitária brasileira e sua dificuldade de aceitar a diferença. Tomei como suporte básico das minhas argumentações o livro que Muniz Sodré publicou em 1988, ano do centenário da Lei Áurea, intitulado *O Terreiro e a Cidade: a Forma Social Negro-brasileira*. Essa pequena obra dá conta da discussão ensejada com o objeto da minha pesquisa, à vista do contexto em que foi realizada.

Falamos da falsa consciência da academia, que pode ser de fato entendida como má-consciência, e de sua intolerância com tudo o que questione os seus pressupostos de cultura e a sua forma de apreensão da realidade. Ela é decorrência da ideologia humanista dos séculos XVII e XVIII, que criou o conceito de “humano universal”. Este, centrado na Europa, seria o autor e repositório de cultura, que espelhava as realidades do universo burguês europeu. O seu oposto seria o “inumano universal”, que carregaria os atributos do “não-homem”, os selvagens, bárbaros, negros enfim.

Diz Muniz Sodré, essa era atitude perfeitamente coerente num humanista como Francis Bacon, por exemplo. “A vitória do humanismo e do conceito de cultura a partir do século XVIII aprofunda e essencializa miticamente as posições discriminatórias (e escravagistas).” Desde essa perspectiva, o que foi identificado como “lugar de negro” carrega o olhar de suspeição do ideário eurocêntrico que tanto sucesso ain-

da faz nos bancos quebrados da lustrada universidade brasileira.

Colocar no mesmo patamar de igualdade o Masp e o Sambarylove nada tem de incomum, se considerarmos ser ainda hoje o samba, com todas as suas variantes regionais, a marca registrada da cultura brasileira no mundo. Como é o jazz para os Estados Unidos, assim é o samba para o Brasil. A música negra por excelência, que nas palavras de Eric Hobsbawm, no que diz respeito ao jazz, é a mais importante forma de arte deste século, nada tem a dever aos seus similares de cultura helênica.

O público do Sambarylove foi por nós escolhido para ser pesquisado enquanto representativo do modo de ser negro brasileiro, numa cidade onde a identidade negra nos aparece frequentemente ultrajada. Embora as estatísticas sejam débeis, importantes estudos de Florestan Fernandes e Roger Bastide, como o livro *Branços e Negros em São Paulo* (1953), apontam a difícil inserção do negro numa São Paulo que, no projeto global de modernização do capitalismo periférico brasileiro, se arrogava desde meados do século passado o papel de “locomotiva do Brasil”.

A própria Universidade de São Paulo, reducto das formulações acadêmicas de maior repercussão no país e na América Latina, foi concebida nos anos 30 dentro de uma visão elitista excludente. Os Mesquita, donos de *O Estado de S. Paulo*, como demonstram M. H. Capelato e M. L. Prado (1980), na linha de frente de criação das primeiras faculdades que deram origem à USP, jamais esconderam suas teses racistas naquela ocasião. Expressaram em letra de fôrma suas simpatias pelas proposições de Gobineau e Lapouge.

São conseqüências do aparato “científico” elaborado para justificar a expropriação territorial do africano e seus descendentes na diáspora, o lugar que até este final de século o negro ocupa na sociedade brasileira. Fez escola em nosso país a ideologia racista que, auxiliada pelo cientificismo a serviço dos colonizadores e seus asseclas europeus, afirmou a “superioridade” branca, européia, e a suposta “inferioridade” do negro.

Por esse prisma, as “coisas do negro” sempre foram vistas como “coisas de negro”, o que equivale a dizer coisas inferiores, a serem vistas sempre com vigilância repressiva e suspeição. Estabelecimentos comerciais onde os escravos se reuniam para bebericar foram assim descritos pelo escri-

tor Joaquim Manuel de Macedo (1869):

“Desprezível e nociva durante o dia, a venda é esquálida, medonha, criminosa e atroz durante a noite: os escravos, que aí então se reúnem, embebedam-se, espancam-se, tornando-se muitos incapazes de trabalhar na manhã seguinte; misturam as rixas e as pancadas com a conversação mais indecente sobre o caráter e a vida de seus senhores, cuja reputação é ultrajada ao som de gargalhadas selvagens: inspirados pelo ódio, pelo horror, pelos sofrimentos inseparáveis da escravidão, se expandem em calúnias terríveis que às vezes chegam até a honra das esposas e das filhas dos senhores [...] e tudo isto e mais ainda de envolta com a embriaguez, com a desordem, com o quadro de abjeção e do desavergonhamento já natural nas palavras, nas ações, nos gozos do escravo”.

Tal assertiva está nas páginas dos romances reunidos sob o título geral de *As Vítimas Algozes*, textos apresentados como um “libelo” de Macedo contra o escravismo. Há uma perversa ironia nesta postura abolicionista do escritor, por demais semelhante ao ideário de ninguém menos que o presidente norte-americano Abraham Lincoln, que venceu a guerra civil contra a escravidão no seu país.

Escreve o crítico Edmund Wilson no magistral ensaio “Abraham Lincoln”: “Pois bem, não pensava Lincoln - como esclarece em seus debates com (Stephen A.) Douglas (seu oponente) - que, afora seu direito de ser livre, o negro merecesse ser posto em pé de igualdade com o branco”. Eis a transcrição literal de um trecho de discurso de Lincoln, constante do referido ensaio:

“Não tenciono introduzir a igualdade política e social entre a raça branca e a raça negra. Há uma diferença física entre elas que, no meu entender, impedirá provavelmente para sempre que convivam em pé de perfeita igualdade; na medida em que se torne necessário haver uma diferença, eu, tanto quanto o juiz Douglas, estou a favor de que a raça a que pertença ocupe a posição de superioridade. [Gritos de aplauso, ‘essa é a doutrina’]”.

Esse pronunciamento Lincoln fez na dis-

puta presidencial de 1860 nos Estados Unidos da América, portanto mesma época em que no Brasil Macedo lançava seu “libelo anti-escravocrata” e o ministro da França no Rio de Janeiro, Conde de Gobineau, ampliava junto à corte de Pedro II a mesma cantilena racista.

Na forma organizacional da sociedade paulistana pós-escravidão, diríamos, como Immanuel Wallerstein (1988), que a etnização da força de trabalho torna-se principal função do racismo. “Existem numerosos casos onde pode haver racismo sem discriminação explícita”, constata o autor, em afirmação rala a nosso ver.

No caso de São Paulo, o percentual de negros no conjunto da população decresceu a menos da metade nas primeiras seis décadas deste século. (Observadores documentaram, com base nos dados do censo da cidade de São Paulo em 1920, um “déficit de negros”). Mesmo assim, a polícia estadual matou quase cinco mil civis entre 1981-89 (Paulo Sérgio Pinheiro, 1991). Como dentre as vítimas que puderam ser identificadas 62% são não-brancas, pode-se afirmar que a exterminação violenta do negro se escancara ante a sociedade. São mais de três mil civis não-brancos mortos pela polícia, sem estarmos em guerra declarada. No Vietnã, em quinze anos, morreram sete mil soldados americanos. Como os números denunciam, aqui a polícia do governo mata mais que a pior guerra, e preferencialmente os negros.

Analisando os resultados da PNAD de 1976, Thomas Skidmore regozija-se com os dados resultantes do cruzamento de categorias socioeconômicas com a variável raça (1991). Isso porque tais resultados “mostraram que, inconfundivelmente, a raça era uma variável independente na determinação do modo de vida”. Como a PNAD mostrou, trabalhadores pretos e pardos sempre têm renda muito inferior à dos brancos, exercendo as mesmas funções.

“O que se pode concluir desse achado?”, prossegue Skidmore: “O mais importante, que a discriminação existe, apesar da ausência tanto de uma regra de descendência quanto de segregação legal”. Mas ainda Skidmore fustiga: “Qual o efeito dessas revelações? Mínimo [...] O cerne da questão é que os novos fatos sobre a discriminação racial no Brasil ainda não registraram um impacto significativo na elite, nem nos políticos ou na comunidade acadêmica. Numa palavra, o sistema brasileiro ainda não acredita que sua sociedade tenha um problema racial”.

Diz o poeta Oswald de Camargo, sintetizando a retórica política de nossa gente paulistana: “Às vezes ergo os olhos, interrogo/ o seco céu sem urubu, sem nódoa/ de nuvem: Deus,/ que queres?/ Que eu me atropelo/ com minha própria sombra, que embranqueça/ meu dorso e voe?” (1988).

Acredito que esses versos muito dizem da condição do negro brasileiro, confrontando-se com o mundo dos brancos - que permanece, para deleite próprio, preso à mistificação de um arcabouço científico já suficientemente superado pela própria ciência. O contraponto de acréscimo ao poema de Camargo bem que podem ser as palavras de Rufus, personagem de James Baldwin (1970), que vê nos brancos “esses miseráveis que trazem o mundo preso por um cordão e estão amarrando esse cordão ao seu pescoço para matá-lo”.

Perante esses elementos ideológicos, o negro como produtor e consumidor de cultura tem a sua especificidade toda particular. Em primeiro lugar ele deve saber que, ao explicitar a sua forma de ser cultural, faz isso dentro de um contexto adverso. É amplamente conhecido o fato de os centros de práticas culturais e religiosas dos negros terem sido duramente violentados durante e após a escravidão. O Estado desrespeitava com o uso da força bruta os terreiros de culto afro-brasileiro, que funcionavam até os anos 1970 na clandestinidade legal. Na Bahia, somente na segunda metade dessa década, por decreto do poder Executivo, as religiões afro-brasileiras foram descriminalizadas.

Essa atitude racista é geral, independentemente de concepções ideológicas centradas na visão de luta de classes. Tanto a direita quanto a esquerda institucional, nos partidos políticos ou na academia, sempre tentaram reduzir a um *status* subalterno a criação cultural do negro, em vista da glorificação de uma cultura “superior”, feita pelas classes “de cima”. O contrasenso está em que não se pode falar em cultura no Brasil sem falar do negro, na medida em que ela somente é forte - para consumo interno e para exportação - se tem preponderantemente elementos simbólicos particulares aos negros.

O samba, o carnaval, a música, a culinária, e mesmo o fenótipo do exemplar humano representativo do país - que, mais uma vez, pelo viés etimológico preconceituoso denominaram de “mulata”, derivativo de mula -, são esses os marcos mais consistentes que o Brasil pode

explorar como contribuição original da indústria cultural brasileira. E eles têm uma base negra, sem sombra de dúvida. E geram muito dinheiro, que certamente não fica na comunidade negra, porque no conjunto expoliada e sem deter os meios materiais de produção e difusão industrial mercadológica.

A escolha do Sambarylove como centro cultural para processar nossa pesquisa partia também do detalhe nada desconsiderável de que o estabelecimento é de propriedade de empresários negros do setor de entretenimento paulista. E empresários negros bem-sucedidos.

Se os negros, como mostra a PNAD, formam a base da pirâmide socioeconômica brasileira, a parcela mais marginalizada da população, com renda média mensal *per capita* em torno de apenas 87 dólares - 2,5 vezes menos que a dos brancos -, ser empresário negro neste país, faturar em milhões de dólares é, por si só, uma façanha e tanto. Não se trata de conquistar glória, fama e dinheiro a partir de dons fenomenais incontroláveis pelo esquema branco, como aconteceu com Pelé. Mas disputar um nicho de mercado extremamente competitivo, como é o caso da indústria de diversão de uma metrópole como São Paulo, cujo planejamento econômico leva aos monopólios e oligopólios de grupos fechados.

Um dos coordenadores do Centro de Assessoramento e Coordenação Empresarial (Cace), formado por empresários da comunidade negra de São Paulo, declarava, em entrevista à revista *Exame* de 24 de julho de 1991, que a falta de capital inicial e as dificuldades de apresentar um bom cadastro bancário “inibem a entrada do negro na vida empresarial” (José Barbosa do Carmo). O Cace informava que em São Paulo, num conjunto de cem empresários, existiria apenas um negro, e a maioria desses empresários negros se dedicava ao setor de serviços.

O CENTRO CULTURAL

Pois temos o Sambarylove como um dos estabelecimentos mais movimentados da zona central paulistana, montado numa casa de dois pavimentos e *design* interno que segue a linha das casas de espetáculos mais modernas. O Sambarylove pertence a um grupo de cinco irmãos negros, que também é proprietário de outra meia dúzia de grandes danceterias espalhadas pela Grande São Paulo.

O grupo criou a empresa Chic Show Produções, que é dona do Clube da Cidade (na Barra Funda), de duas bandas musicais e promove shows para o que chamam de “elite negra” em clubes fechados como o Homes (av. Paulista), o Atlético de Pinheiros, etc. A empresa também produz megaeventos com artistas nacionais e estrangeiros, tendo no seu currículo astros como James Brown, Tim Maia, Public Enemy, dentre dezenas de outros. Um dos irmãos empresários comanda um programa de música negra numa emissora de rádio na Capital.

Carlos Família, é esse o sobrenome que adotou, é o empresário responsável por tocar o Sambarylove, dentro de um esquema empresarial em que cada irmão cuida de determinada área. Família não revela o faturamento global da Chic Show Produções, mas tudo indica que o negócio vai bem: o grupo está em fase de expansão. Para realização de nossa pesquisa, mantivemos com ele dois contatos preliminares em junho, um feito por telefone. Pessoalmente explicamos a ele do que se tratava, e semana seguinte deixamos um exemplar do questionário para que analisasse.

A primeira noite que fui ao Sambarylove para explicar a Família os motivos da pesquisa, era por volta das 10 horas e a casa - mesmo com seus letreiros de *neon* azul e vermelho acesos sob a fachada branca e iluminada - ainda não tinha aberto seus portões. Do lado de fora começava a se formar um ajuntamento de pessoas, precedendo a fila que autonomamente se organiza para que os interessados tenham acesso ao estabelecimento. Na calçada, vendedores ambulantes montam barracas de cachorro-quente e venda de bebidas diversas.

Por trás dos portões vemos a movimentação de seis, oito funcionários, que se preparam para organizar a entrada do público. É uma sexta-feira e sou informado que às sextas e aos sábados a casa começa a funcionar a partir das 11 horas da noite, indo até as 5 horas da manhã seguinte. Quartas e domingos, os outros dias em que a casa abre ao público, o horário é diferente: das 20 à meia-noite, no primeiro caso; das 17 às 22 no segundo. Pergunto por Família, explicando que ele tinha marcado comigo um contato para a realização de nossa pesquisa.

Após os seguranças negarem a presença de Família no local, um deles pede-me uma identificação. Entrego a carteirinha da USP, ele entra e três minutos depois retorna, abre o portão

e manda-nos entrar também. Eu e Jane Makebe, modelo negra que me auxiliaria na distribuição e recolhimento dos questionários, entramos e ficamos todo o tempo sob a vigilância de perto de um dos seguranças da casa, que mesmo durante a conversa que tive com Família não se afastou.

A entrada no Sambarylove é paga, de forma diferenciada entre homem e mulher individualmente. Na primeira semana de julho deste ano, o ingresso para mulheres custava cinco mil cruzeiros, para homens dez mil cruzeiros (aproximadamente três dólares). Casal pagava onze mil cruzeiros. Depois de comprar ingresso na guarita junto ao portão, a pessoa, antes de entrar propriamente, tem seu corpo completamente revistado. Dois seguranças apalpa cada homem, por cima das roupas, mas sem ficar um centímetro sem revista (somente não revistam o interior dos sapatos). As mulheres, da mesma forma, são revistadas por funcionárias mulheres, e têm de abrir a bolsa e mostrar o que tem ali dentro. Há um balcão guarda-volume para o público logo a seguir.

Família informa que quinze pessoas fazem o serviço de segurança da casa. Quem comanda a equipe é um antigo policial negro. Além da portaria, os seguranças se dividem entre a discoteca do térreo e o pagode no piso superior da casa. Ele fala em duzentos metros quadrados de pista, em cada ambiente do Sambarylove. Que chega a comportar numa noite um público de até mil pessoas. Há quase um ano de funcionamento, segundo Família não há registro de qualquer incidente no local.

A casa é ampla. Família alugou o imóvel de um particular, em contrato de pelo menos dez anos. Fez uma reforma considerável, transformando o local em acolhedor e confortável. Pelas paredes dos dois pavimentos, estão espalhadas grandes máscaras de cerca de um metro de altura, em estilo cultural das nações africanas. Família informa que o Sambarylove promove eventos diversos, tais como seminários, desfiles de moda afro, etc. Entre maio e julho as paredes da casa abrigaram uma exposição de fotografias de modelos negros, em painéis de vidro espalhados nos dois andares.

É de se notar a limpeza do ambiente, que se reflete também nos sanitários asseados, cuidados por funcionários atentos. Amplos, na entrada de cada um dos sanitários, na parte interna, o público encontra à sua disposição uma banca de venda de balas, produ-

tos para manter o bom hálito, chocolates.

A casa serve drinks variados, prevalecendo o chope em taça. Petiscos diversos também são comercializados. Funcionam dois bares, um em cada piso. A pessoa compra no caixa as fichas que dão direito ao consumo. No salão de pagodes, o cliente pode ser servido por garçons nas mesas. Na danceteria não há garçons.

As duas pistas de dança são margeadas por uma espécie de arquibancada, onde estão algumas dezenas de mesinhas com cadeiras acolchoadas. É possível dali apenas observar as outras pessoas dançando na pista. No setor de pagodes, no piso superior, há ainda um luxuoso conjunto de sofás, disposto sob um aparelho de TV em cores constantemente ligado. Na primeira noite que estivemos no local vimos a transmissão da luta de boxe entre dois pugilistas negros norte-americanos, Donover "Razor" Ruddock *versus* Phillip Jackson. Tudo em meio ao sambão.

Enquanto na pista de baixo o som é estereofônico, em cima o pagode é ao vivo. As cortinas se abrem no palco ao fundo da pista, e os grupos de pagode se sucedem a noite toda. São grupos formados por jovens da periferia paulistana, contratados por Família para as noites de sexta, sábado e domingo. Às quartas-feiras, quando a entrada é franca para mulheres, o Sambarylove recebe os grupos de pagode que almejam um contrato. Segundo Família, foi a forma que se encontrou para dar oportunidades a novos grupos, que se inscrevem com antecedência para mostrar a sua arte.

Na discoteca também se toca samba, mas em disco. Ali o ambiente é mais romantizado, com a maioria das músicas sendo dançáveis a dois, em ritmo mais lento. O disc-jóquei castiga no jazz, blues, rap e na música negra tecnopop dos Estados Unidos e do Brasil. Vez por outra usa o microfone para anunciar os eventos da ordem do dia, que acontecem em redutos negros da cidade.

A consciência negra expressa por Carlos Família e seu estabelecimento não se dá ao nível do tradicional discurso político. Possivelmente cabe aqui aquele conceito que a pesquisadora e psicanalista Neusa Santos apresenta na sua dissertação publicada em forma de livro com o título *Tornar-se Negro* (1981). O conceito segundo o qual a ideologia do branqueamento (baluarte do pensamento hegemônico de Gilberto Freyre) e da "demo-

cracia racial brasileira" atinge grandemente a própria consciência do negro, que mesmo o sendo por ter assim nascido, somente quando apreende o significado do que vem a ser negro num país como este, aí sim ele de fato torna-se negro.

Família informa na entrevista que concedeu para a nossa pesquisa que o Sambarylove não tem qualquer preocupação de militância. É uma casa que recebe brancos e negros, indistintamente. À observação de que todo o ambiente e o repertório musical do lugar parecem dispostos a satisfazer as necessidades de afirmação cultural do negro, Família dá o argumento de que têm muitos brancos que gostam desse ritmo e dessa música.

A designação Sambarylove, Família explica ser a junção de samba e amor (em inglês, *love*). Mas o neologismo foi inspirado no título de um antigo sucesso cantado por Frank Sinatra, "Somebody Love". Prova de que tem muito negro que também gosta da música de branco, diríamos nós.

Essa é a natureza das sociedades modernas: são policulturais, convivendo ao mesmo tempo com focos culturais dos mais diversos. Não existe cultura sem mistura, mas a cultura de um grupo penetra a do outro. Como notou Gramsci, a cultura é uma práxis e um processo. Flexível, está sujeita a dominar, controlar e, primordialmente, incorporar alternativas e oposições.

É nesse cenário que vamos encontrar o público do Sambarylove.

METODOLOGIA E TÉCNICA

O questionário que elaboramos continha 24 questões fechadas. O número de alternativas para cada quesito variou de duas a sete. Do total das questões, três permitiam mais de uma alternativa ao entrevistado. O material foi impresso com papel timbrado do Núcleo de Consciência Negra, entidade acadêmica que funciona de modo autônomo na USP. A chancela do núcleo visou facilitar a nossa abordagem junto ao público. A contrapartida é que uma cópia do nosso trabalho fique nos arquivos da entidade, da qual sou integrante.

Foi aplicado um total de 50 questionários, distribuídos no *hall* de entrada do Sambarylove, numa noite de sábado, no momento seguinte à abertura da casa. O questionário, de quatro páginas, foi entregue a cada entrevistado junta-

mente com uma caneta esferográfica comum. O anonimato do entrevistado, detalhe que procuramos ressaltar na introdução ao questionário, teve por objetivo a obtenção de respostas as mais próximas da verdade - ou algo semelhante. O resultado de pesquisas desse tipo sempre traz uma carga inevitável de dúvida, na medida em que é impossível checar a veracidade de cada resposta. Elas devem ser compreendidas dessa forma, para que tenham efeito e façam sentido.

Em aproximadamente uma hora já tínhamos recebido de volta todos os questionários - contando com a colaboração da recepção do estabelecimento. Apenas quatro questionários foram devolvidos sem preenchimento total. Decidimos invalidá-los. Ressalte-se que das 50 canetas entregues, 46 foram espontaneamente devolvidas pelos entrevistados.

Vamos destacar aqui alguns números percentuais que servem para delinear o perfil do público do Sambarylove.

Ele é majoritariamente feminino (71%), solteiro (90%), jovem (mais de 95% não passaram dos 30 anos de idade) e escolarizado: 28,5% cursaram ou cursam o 3º grau, 28,5% já concluíram o 2º grau, nível escolar em que se encontram ainda 20% dos entrevistados.

Quanto ao local de moradia: 27,5% disseram morar na zona sul; 26% na zona norte; 21% na zona leste; 15% na zona oeste e 7,5% moram em outros municípios fora da cidade de São Paulo. Não houve entre os entrevistados quem se declarasse morar na zona central paulistana. O número de pessoas que se disseram empregadas é de 85%, para 15% de desempregadas.

A grande maioria dos freqüentadores do Sambarylove vai a outros "pagodes": 84%. Do mesmo modo, 75% disseram gostar de "tudo", indistintamente, quando estão nesse local. Eles gostam da mesma forma das duas pistas de dança, vão mais sozinhos que acompanhados e 89% freqüentam a casa a fim de dançar samba.

Na questão referente a outras opções culturais, 55% dos entrevistados declararam que freqüentam cinemas, 54% vão a shows variados, 40% freqüentam teatros, 11% vão a oficinas culturais e 10% dizem que têm os museus como uma de suas opções. Essa questão é uma daquelas que permitiam mais de uma escolha. Quase sempre o pesquisado marcou mais de três opções.

O índice de leitura declarado pelos entre-

vistados é alentador: 57,5% leram há menos de seis meses livros de ficção e 42,5% leram obras de não-ficção no mesmo período. É significativo que 38% do total leram livros há menos de um mês. A média dos que nunca leram um livro de qualquer gênero ficou em 7,5%. Os jornais são lidos diariamente por 25,5% e "uma vez ou outra na semana" por 49% dos entrevistados, enquanto 20% lêem freqüentemente as revistas semanais de notícias (para 50% que lêem-nas "uma vez ou outra").

O rádio é o veículo de massa a que um maior número dos entrevistados acessa diariamente (75%), vencendo o íbopo da televisão (63,5%). Da programação de rádio, 66% gostam mais de música, 18,5% de esportivos e 7,5% do jornalismo. Na televisão, a maior faixa do gosto dos entrevistados está dividida entre filmes (35%) e telejornais (30,5%). As novelas ficam em terceiro lugar na preferência exclusiva (20%), seguidas por programas esportivos (17,5%) e humorísticos (15%). A faixa dos que gostam, na televisão, de ver "tudo" ficou em 22,5%.

Para medir a freqüência étnica e aferir o grau de compreensão da problemática racial por parte do público do Sambarylove, inserimos duas questões pertinentes. Quatro quintos (79%) dos entrevistados declararam que, em sua opinião, há discriminação racial no Brasil. Esse índice supera o percentual de pessoas que se declararam da raça (cor) negra (58,5%). Isso significa que a discriminação racial foi reconhecida indistintamente, isto é, também por parcela dos que se declararam brancos (14% do total) ou de "outra" raça/cor (22,5% de todo o universo pesquisado).

Responderam que não há discriminação racial no Brasil 14%.

LEITURA DOS DADOS OBTIDOS

O que podemos inferir dos dados dessa pesquisa? As conclusões são muitas. Já a contextualizamos, e agora, quando chega o momento da leitura dos dados obtidos pelos questionários, é preciso não perder de vista suas limitações. Uma delas é de que o universo coberto pela pesquisa fornece simplesmente uma amostragem de público, como deve ter acontecido com os demais trabalhos congêneres apresentados no curso.

De modo algum a pesquisa por amostragem

pode se dar ao luxo de ser um trabalho censitário, cuja característica é distinta. Compreendido como o quadro de um determinado momento, fixado no tempo, espaço e lugar, tal tipo de aferição dá suporte a intervenções de naturezas diversas, observados os limites inerentes.

Podemos concluir, no nosso caso específico, que o Sambarylove - no mundo de visão paulistano - é, como nas palavras de Muniz Sodré, um “contra-espaço” negro. O que ele quer dizer com isso? Que o contra-espaço é concebido a partir da idéia “de um território simbólico onde ex-escravos e seus filhos se reúnem, ao abrigo das repressões, das recriminações ou de olhares perturbadores”. Um lugar de não-poder branco, mas que “admite o contato, o acerto”, desde que isso não implique em alguma forma de poder direto sobre a comunidade negra.

Conforme demonstrado pelos números, esse espaço negro, mesmo o sendo, nem por isso deixou de incorporar tecnologias que o senso comum acharia estranhas a descendentes de africanos. Afinal, a imagem que o mundo branco difunde do negro é a do selvagem, nu, descalço, pintado com tintas exóticas, e pulando em círculos aos som dos batuques em torno de um pote com poções de feitiçaria. Essa imagem estamos fartos de vê-la no cinema e na televisão, os grandes meios de comunicação de massa desta era.

A pesquisa deixou patente que cresce o índice dos negros que buscam ascender socialmente, através da escola. O número de universitários encontrados no Sambarylove mostra que a casa tem um público seletivo, porque globalmente é baixo o percentual de negros admitidos no sistema universitário público brasileiro. Estimativas de meados da década de 80 limitam a 2% o índice de universitários negros em escolas públicas, o que é quase 15 vezes menos do que encontramos no Sambarylove.

O percentual de desempregados, 14%, é próximo às estatísticas de desemprego na Grande São Paulo - conforme divulgado por entidades como a Fiesp e o Dieese. Mas ao verificar que não se pode dizer ser o negro uma maioria numérica da população paulistana, o percentual de desempregados expresso naqueles 14% ainda está alto.

Verifica-se, também, a busca daquele público por informações - com razoável índice

de leitores de livros e jornais - e por expressões culturais. Eis que o número dos que declararam ter os cinemas, teatros, oficinas culturais, museus e outros programas como opções além do “pagode” é também significativo.

Ficou patente a afirmação étnica dos entrevistados, a maioria se declarando da “raça negra”. Esse resultado, em certa medida, confronta-se com o que se vem anunciando sobre o último recenseamento promovido pelo governo. A divulgação das primeiras análises do item “cor”, que foi incluído no censo de 1991, aponta para uma negação que os negros teriam de se afirmarem enquanto tais.

Obviamente a metodologia do censo e sua área de cobertura diferem sobremaneira na nossa pequena amostragem. Mas não deixam de ser pertinentes as críticas que o governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares, dentre várias outras personalidades negras, fez quando da realização do censo. Essas críticas diziam que o método utilizado na coleta de informações sobre a cor dos brasileiros levaria a distorções nos seus resultados. Alceu Collares, entrevistado por um recenseador, não pôde declarar sua cor porque o questionário que lhe foi aplicado não pedia tal declaração. “Se eu, como a autoridade maior do meu estado, não posso declarar que sou negro, imagine o restante da população”, observou Collares à época.

CONCLUSÕES

Público de nível elevado, equipamentos culturais idem. Numa palavra, é o que se pode dizer a propósito do Sambarylove e seus freqüentadores. Há alguma contradição entre esse resultado e a imagem do negro na sociedade como um todo? Acredito que sim, e isso resulta do fato da dificuldade que tem a consciência ocidental, “mesmo a mais esclarecida”, de na prática lidar com diferenças.

Muniz Sodré observa que essas diferenças, em última análise, “podem conseguir ser reconhecidas, mas então o Ocidente quer ver o absolutamente diferente, pois, acreditando-se absolutamente idêntico a si mesmo, só concebe o Outro na forma da extrema diferença”. A “boa consciência” culturalista, o pequeno burguês esclarecido espantam-se e lamentam que o selvagem se deixe seduzir pela tecnologia industrial, perdendo a tão “diferente pureza”.

Façamos nossas as palavras de Frantz Fanon (1979) ao conchamar os negros e os

povos do Terceiro Mundo para a construção de um pensamento novo, que busque colocar de pé um homem novo. Fanon sequer viveu para ver o que hoje ocorre na Europa, mas viveu o suficiente para se contrapor aos modelos que reivindicam a supremacia do pensamento humano. “Há séculos que a Europa [e depois ele acrescentaria o seu espelho e ex-colônia inglesa, os Estados Unidos da América] impede o avanço dos outros homens e os submete a seus desígnios e à sua glória; há séculos que, em nome de uma suposta ‘aventura espiritual’, vem asfixiando a quase totalidade da humanidade. Vemo-la hoje oscilar entre a desintegração atômica e a desintegração espiritual.”

O Ocidente, afirma Fanon, quis ser uma aventura do Espírito. Foi em nome do Espírito, do espírito europeu, entenda-se, que a Europa justificou seus crimes e legitimou a escravidão na qual conservava quatro quintos da humanidade.

Portanto é preciso construir uma nova mentalidade, porque a eurocêntrica tem resultado

no fracasso que constatamos hoje, na intolerância, nada mais que isso - apesar dos monumentos arquitetônicos e produções artísticas que se materializam para ostentar o *status* de uma classe sobre outra.

O negro tem a oferecer uma nova visão de tempo, um conceito de espaço e território que não estão presos às amarras da ética protestante e acumulativa de bens artificiais. A elite cria os objetos do conhecimento que se tornam objetos de poder (Michel Foucault), visando mantê-lo.

A atualidade do “jeito de ser” do negro se coloca como um paradigma para as nações modernas. Sua música, seu território corpóreo, sua concepção de temporalidade, seu culto, o acúmulo de suas experiências políticas e experiências de sobrevivência se nos apresentam fecundos. Concluamos com Sodré, a este propósito, falando na nossa atualidade histórica. “No corpo da tradição, entrevê-se a modernidade amadurecida de contradições e conflitos sempre atuais.”

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- AZEVEDO, Eliane. *Raça, Conceito e Preconceito*. São Paulo, Ática, 1987.
- BALDWIN, James. *Numa Terra Estranha*. Porto Alegre, Globo, 1970.
- CAMARGO, Oswaldo de. “Rumo”, in *Schwarze Poesie*. St. Gallen/Köln, Edition diá, 1988.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Estratégias para Entrar y Salir de la Modernidad*. México, CNCA, 1989.
- . *Museos y Público: como Democratizar la Cultura*. México, INBA, 1987.
- CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino, Imprensa e Ideologia no Jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo, Alfa-Omega, 1980.
- CONCEIÇÃO, Fernando. *Cala a Boca Calabar*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.
- . *Negritude Favelada, Negro e o Poder*. Salvador, Ed. do Autor, 1988.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1979.
- FERNANDES, Florestan e BASTIDE, Roger. *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1971.
- HABERMAS, Jürgen. *Modernidade Versus Pós-Modernidade*, 1981.
- HASENBALO, Carlos e SILVA, Nelson do V. *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*. Rio de Janeiro, Vértice, 1988.
- HOBSBAWM, Eric J. *História Social do Jazz*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
- . *A Era dos Impérios - 1875/1914*. São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- KANT, E. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril, 1989.
- LECHNER, Norbert. “A Modernidade e a Modernização São Compatíveis? O Desafio da Democracia Latino-Americana”, in *Revista Lua Nova*, n° 21, São Paulo, 1990.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As Vítimas Algozes*. São Paulo, Scipione, 1991.
- PINHEIRO, Paulo Sergio. *Dossiê Violência-Revista USP*, n° 9, São Paulo, CCS-USP, 1991.
- SANTOS, Neusa. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro, Graal, 1981.
- SKIDMORE, Thomas E. “Fato e Mito: Descobrimos um Problema Racial no Brasil”, in *Cadernos de Pesquisa*, n° 79, São Paulo, 1991.
- . “O Negro no Brasil e nos Estados Unidos”, in *Revista Argumento* n°1, São Paulo, 1973.
- SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade, a Forma Social Negro-Brasileira*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *Race, Nation, Classe. Les Identités Ambigües. La Découvert*. Paris, 1988.
- WILSON, Edmund. “Abraham Lincoln”, in *11 Ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.